

A experiência do leitor entre a simulação social e a transcendência em *A montanha mágica*

The Reader's Experience Between Social Simulation and Transcendence in *The Magic Mountain*

Alessandra Grangeiro⁸⁰

Resumo: Este artigo⁸¹ analisa *A montanha mágica*, de Thomas Mann, a partir da relação entre experiência do leitor, simulação social e transcendência. Articula-se a concepção de ficção em Keith Oatley aos conceitos de *distentio animi* e *intentio animi*, em Agostinho, e à refiguração narrativa, em Paul Ricoeur. Examina-se como a trajetória de Hans Castorp configura experiências de formação, doença, morte e busca de orientação. Sustenta-se que o romance oferece ao leitor possibilidades de reconhecimento e reflexão. Essa potência, contudo, não implica transformação automática.

Palavras-chave: experiência do leitor; simulação social; transcendência; tempo; *A montanha mágica*.

⁸⁰ É docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e diretora acadêmica da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). Graduada em Letras e Teologia, e atualmente cursando Psicologia pela FASSEB, é mestre e doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Sua tese de doutorado, *Tempo e Memória na Obra de William Faulkner*, fundamenta suas pesquisas atuais, que exploram as relações entre literatura, psicologia, neurociência e teologia cristã. ORCID - <https://orcid.org/0000-0001-7297-3467>. ResearchGate:

<https://www.researchgate.net/profile/AlessandraGrangeiro>.

Contato: alessandraccosta@gmail.com.

⁸¹ **Nota sobre o uso de inteligência artificial:** Na elaboração deste artigo, foi utilizado o ChatGPT, ferramenta de inteligência artificial generativa desenvolvida pela OpenAI, como recurso auxiliar na organização estrutural do texto e na tradução de trechos para a língua inglesa. A definição do problema, a seleção e análise das fontes, a fundamentação teórica, a interpretação da obra, a condução da pesquisa e as conclusões são de inteira responsabilidade da autora, que realizou a revisão crítica de todo o conteúdo e assume integralmente a autoria acadêmica do trabalho.

Abstract: This article analyzes Thomas Mann's *The Magic Mountain* through the relationship between the reader's experience, social simulation, and transcendence. It brings Keith Oatley's conception of fiction into dialogue with Augustine's concepts of *distentio animi* and *intentio animi* and Paul Ricoeur's theory of narrative refiguration. It examines how Hans Castorp's journey configures experiences of formation, illness, death, and the search for orientation. It argues that the novel offers the reader possibilities for recognition and reflection. This formative potential, however, does not imply automatic transformation.

Keywords: reader's experience; social simulation; transcendence; time; *The Magic Mountain*.

INTRODUÇÃO

A experiência humana do tempo envolve memória, atenção e expectativa e, por isso, não se reduz à sucessão cronológica dos acontecimentos. Quando essas dimensões deixam de se articular de modo estável, a consciência experimenta a dispersão e a dificuldade de conferir unidade à própria existência. Em *A montanha mágica*, de Thomas Mann, essa condição se manifesta na trajetória de Hans Castorp, cuja permanência no sanatório Berghof transforma progressivamente sua relação com o tempo, o corpo, a doença, a morte e a história.

O presente artigo propõe analisar essa experiência a partir da concepção de Keith Oatley segundo a qual a ficção funciona como simulação de mundos sociais. Ao acompanhar personagens que formulam intenções, enfrentam conflitos e sofrem as consequências de suas escolhas, o leitor pode ensaiar imaginativamente perspectivas e possibilidades de ação sem estar submetido aos efeitos imediatos da experiência factual (Oatley, 2016). Em *A montanha mágica*, essa simulação não se limita às relações interpessoais, pois envolve também um processo de formação marcado pela finitude e pela busca de orientação.

Essa dimensão permite articular Oatley aos conceitos agostinianos de *distentio animi* e *intentio animi*. A *distentio* expressa a dispersão da alma entre memória, atenção e expectativa, enquanto a

intentio corresponde ao movimento de concentração e direção para a unidade (Agostinho, 1996). A transcendência será compreendida, portanto, não como superação definitiva da condição temporal, mas como possibilidade frágil de orientação em meio à doença, à morte e às contradições da existência.

Paul Ricoeur oferece a mediação entre essa problemática e a experiência do leitor, ao compreender a narrativa como configuração de acontecimentos heterogêneos e a leitura como refiguração do mundo da obra na experiência de quem lê (Ricoeur, 1994; 1997). Essa aproximação, contudo, não autoriza atribuir à literatura efeitos transformadores automáticos, pois a construção de sentido depende também do repertório, da competência interpretativa e do envolvimento do leitor (Eco, 2011).

O problema que orienta o estudo é o seguinte: de que modo *A montanha mágica* configura uma experiência de simulação social capaz de colocar o leitor diante da formação de Hans Castorp e de sua busca de orientação diante da finitude? Parte-se da hipótese de que o romance amplia a noção de simulação social ao incorporar, além de relações, intenções e conflitos, questões ligadas à transcendência e à busca de sentido. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem hermenêutica e interdisciplinar, articulando a leitura analítica do romance à filosofia do tempo, à teoria da narrativa e aos estudos empíricos da leitura literária. A análise concentra-se nos procedimentos narrativos, nas relações entre as personagens e nas experiências de doença, morte e formação que estruturam o percurso de Hans Castorp.

O objetivo geral consiste em analisar como *A montanha mágica* articula simulação social, formação e transcendência na experiência do leitor. Para isso, o artigo examina a concepção de ficção em Oatley, interpreta o sanatório como laboratório de experiências sociais e existenciais e discute a relação entre *distentio*, *intentio* e a transcendência.

1 FICÇÃO COMO SIMULAÇÃO SOCIAL E EXPERIÊNCIA DE TRANSCENDÊNCIA

Pensar a experiência do leitor em *A montanha mágica* exige reconhecer que a ficção não apenas representa acontecimentos, personagens e conflitos, mas configura um mundo no qual o leitor pode acompanhar intenções, interpretar emoções, avaliar escolhas e antecipar consequências. Keith Oatley compreende a ficção como uma simulação de mundos sociais, pois, ao ingressar imaginativamente na narrativa, o leitor acompanha sujeitos em suas relações com outras pessoas, observa suas ações e procura compreender motivações que nem sempre se encontram imediatamente visíveis.

É nesse sentido que Oatley recupera a concepção shakespeariana do sonho como modelo imaginativo: “*In this book, I propose that Shakespeare’s idea of dream (model with its aspects of shadow-and-substance and of recognition) allows us to understand important aspects of the psychology of fiction*” (Oatley, 2011, p. 7).⁸² A aproximação entre ficção e sonho não significa afastamento completo da realidade, mas a criação de um espaço imaginativo no qual aspectos da experiência humana podem ser reorganizados, examinados e reconhecidos.

Os conceitos de sombra, substância e reconhecimento são fundamentais para essa formulação. A sombra corresponde àquilo que pode ser observado exteriormente — os gestos, as ações, as formas sociais e as aparências —, enquanto a substância designa aquilo que permanece parcialmente oculto: as intenções, os desejos, os conflitos e as emoções das personagens. A literatura não se limita a opor uma aparência enganadora a uma interioridade inteiramente verdadeira, pois investiga as relações, muitas vezes contraditórias, entre aquilo que o sujeito faz, o que acredita estar fazendo e as motivações que somente se tornam perceptíveis no decorrer da ação.

⁸²“Neste livro, proponho que a ideia shakespeariana de sonho — um modelo com seus aspectos de sombra e substância e de reconhecimento — nos permite compreender aspectos importantes da psicologia da ficção.”

O reconhecimento ocorre quando uma personagem, ou o próprio leitor, percebe que alguém não é exatamente aquilo que parecia ser, ou quando uma ação adquire, retrospectivamente, um sentido diferente daquele que possuía inicialmente. Em *A montanha mágica*, a permanência de Hans Castorp no sanatório apresenta-se, a princípio, como consequência de um diagnóstico médico. Progressivamente, entretanto, revela-se também ligada ao fascínio pela doença, à paixão por Clawdia Chauchat, à suspensão das responsabilidades da planície e ao desejo de permanecer em um espaço no qual diferentes possibilidades intelectuais, morais e espirituais podem ser experimentadas. A ação exterior permanece relativamente estável, mas sua substância se torna mais complexa à medida que as motivações da personagem são configuradas pela narrativa.

A ficção torna-se, assim, uma espécie de teatro interior. Durante a leitura, não praticamos fisicamente as ações das personagens, mas acompanhamos suas intenções, antecipamos decisões, avaliamos consequências e experimentamos emoções relacionadas a situações que não integram diretamente nossa vida. Isso não significa que o leitor se transforme na personagem ou reproduza necessariamente seus comportamentos. A simulação literária conserva uma distância entre a experiência imaginada e a ação real, permitindo que conflitos humanos sejam explorados sem que o leitor esteja submetido às mesmas consequências materiais.

As histórias funcionam, nesse sentido, como sonhos acordados: nelas, o leitor pode ensaiar possibilidades, confrontar escolhas e conhecer modos de existência diferentes dos seus. Oatley sintetiza essa hipótese ao afirmar: “*Fiction is a kind of simulation, one that runs not on computers but on minds: a simulation of selves in their interactions with others in the social world. This is what Shakespeare and others called a dream*”⁸³ (Oatley, 2011, p. 99). A simulação ficcional não ocorre exteriormente, como um experimento controlado por uma máquina, mas na mente do leitor, que atualiza o mundo narra-

⁸³ “A ficção é uma espécie de simulação, que não funciona em computadores, mas nas mentes: uma simulação de sujeitos em suas interações com os outros no mundo social. É isso que Shakespeare e outros chamavam de sonho.”

do, acompanha as relações entre as personagens e participa imaginativamente das situações configuradas pela obra.

A comparação com a simulação não significa, contudo, que a ficção reproduza integralmente o mundo. Todo modelo seleciona determinados aspectos da realidade para que suas relações possam ser examinadas. Por isso, uma obra literária concentra-se em personagens, intenções, projetos, ações e incidentes decorrentes dessas ações. O mundo ficcional não é o mundo inteiro, mas uma configuração delimitada de possibilidades humanas. Em *A montanha mágica*, Thomas Mann constrói um espaço relativamente isolado no qual a alteração da experiência temporal permite interrogar a doença, a morte, o desejo, a formação e a possibilidade de transcendência.

A própria concepção de ficção como construção imaginativa impede que o termo seja confundido com falsidade. Como explica Oatley: *“People often think the word ‘fiction’ means untrue, but this is not true. The word derives from the Latin fingere, which means ‘to make’”*⁸⁴ (Oatley, 2011, p. 8). A ficção é, portanto, algo produzido, modelado e configurado. Sua verdade não depende da correspondência literal entre os acontecimentos narrados e fatos empiricamente ocorridos, mas da capacidade de construir situações humanas reconhecíveis e de tornar inteligíveis relações entre ações, emoções, intenções e consequências.

Em *A montanha mágica*, essa construção imaginativa oferece ao leitor uma simulação social particularmente complexa. O sanatório Berghof reúne personagens provenientes de diferentes contextos, portadoras de valores e concepções de mundo que nem sempre podem ser conciliados. Ao conviver com elas, Hans Castorp é exposto a maneiras distintas de compreender o corpo, a doença, o dever, a política, o amor, a morte e a história. O leitor acompanha esse processo sem receber um modelo único de conduta, pois precisa comparar perspectivas, reconhecer contradições e avaliar os efeitos das diferentes orientações que disputam a formação da personagem.

⁸⁴ “As pessoas frequentemente pensam que a palavra ‘ficção’ significa algo não verdadeiro, mas isso não é verdade. A palavra deriva do latim *fingere*, que significa ‘fazer’.”

Essa simulação, entretanto, não se limita às relações interpessoais. O romance coloca Hans Castorp e o próprio leitor diante de uma experiência temporal marcada pela repetição, pela espera, pela suspensão e pela proximidade constante da morte. Por essa razão, a teoria de Oatley pode ser articulada aos conceitos agostinianos de *dis-tentio animi* e *intentio animi*: a ficção simula não apenas sujeitos em interação social, mas também a maneira como procuram reunir experiências dispersas e orientar a própria existência diante da temporalidade e da finitude.

2 A MONTANHA MÁGICA COMO LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS SOCIAIS, TEMPORAIS E EXISTENCIAIS

Em *A montanha mágica*, Thomas Mann transforma o sanatório Berghof em um espaço concentrado de experiências humanas, no qual doença, desejo, morte, formação e conflito histórico se articulam à alteração progressiva da percepção temporal. Hans Castorp chega aos Alpes suíços para visitar, durante três semanas, o primo Joachim Ziemssen, mas permanece naquele espaço por sete anos. O afastamento da planície interrompe a continuidade previsível de sua vida burguesa e o introduz em uma sociedade regida por outros hábitos, valores e medidas de tempo.

O Berghof possui horários, rituais e hierarquias próprios. As refeições, as medições de temperatura, os repousos, as consultas e as conversas repetem-se até que a diferença entre os dias se torne progressivamente menos perceptível. O calendário continua registrando a passagem, mas deixa de organizar existencialmente a experiência. Nesse ambiente, a pergunta sobre o tempo deixa de constituir apenas um tema filosófico e passa a orientar a própria forma do romance: “Sim, o tempo é um enigma singular, difícil de resolver” (Mann, 2016, p. 165).

A permanência de Hans evidencia a diferença entre o tempo medido e o tempo vivido. Os primeiros dias ocupam uma extensão narrativa considerável, enquanto os anos posteriores são progressivamente condensados. Kavaloski (2014) compreende esse procedimento como uma encenação da temporalidade: o romance não se limita a

afirmar que Hans perde suas referências cronológicas, mas procura fazer o leitor experimentar a desigualdade entre a duração exterior e a percepção interior. Wojciechowska (2020), por sua vez, interpreta a obra como um experimento literário no qual diferentes concepções do tempo são submetidas à experiência narrativa. Essa dimensão é explicitada pelo próprio narrador: “Pode-se narrar o tempo, ele próprio, o tempo como tal, em si mesmo? Não, de fato não. Algo assim seria um arrojo insano! [...] O tempo é um elemento da narrativa, assim como é o elemento da vida; está ligado a ela indissociavelmente, como aos corpos o espaço.” (Mann, 2016, p. 622).

O tempo não pode ser separado da narrativa porque narrar exige que algo aconteça, permaneça, seja esperado, recordado ou transformado. Entretanto, Mann converte essa condição em objeto de experimentação formal: “E, se lançamos a questão sobre a possibilidade de narrar o tempo, foi só para confessar que, com a presente história, é isso que temos em mente” (Mann, 2016, p. 624). A repetição dos hábitos, a extensão dedicada aos primeiros meses e a aceleração dos anos seguintes fazem com que o leitor não apenas compreenda conceitualmente a suspensão temporal da montanha, mas participe imaginativamente dela.

Essa suspensão, contudo, não corresponde à eternidade. No Berghof continuam existindo envelhecimento, transformação, sofrimento e morte. Trata-se de um tempo cuja passagem se torna difícil de perceber, e não de uma presença plena e imutável. Hans permanece submetido à *distentio animi*, pois sua consciência se distribui entre lembranças da planície, atenção à rotina da montanha e expectativas relacionadas à doença, ao retorno de Clawdia e ao próprio futuro. A possível *intentio* surge apenas quando determinadas experiências rompem a indiferença temporal e o obrigam a procurar alguma orientação.

O caráter laboratorial do sanatório também se manifesta nas personagens que disputam a formação de Hans. Settembrini procura conduzi-lo aos valores da razão, do humanismo, da liberdade e do progresso. Joachim representa o dever, a disciplina e o desejo de retorno à vida prática. Clawdia Chauchat reúne desejo, doença e alteridade, vinculando a experiência amorosa do protagonista à fascinação pelo corpo enfermo e à suspensão das responsabilidades da planície.

Hans não adere inteiramente a nenhuma dessas perspectivas. Sua formação acontece por meio da exposição prolongada a visões de mundo incompatíveis, cujas tensões o leitor também precisa acompanhar e interpretar.

É nesse ponto que a noção de simulação social formulada por Oatley adquire particular importância. O leitor acompanha não apenas ações exteriores, mas intenções, hesitações, desejos e consequências. A permanência de Hans apresenta-se inicialmente como resultado de um diagnóstico médico, embora se revele progressivamente ligada ao fascínio pela doença, à paixão por Clawdia, à suspensão das obrigações profissionais e ao desejo de permanecer em um espaço no qual diferentes possibilidades intelectuais e espirituais podem ser experimentadas. A relação entre aquilo que a personagem faz e as motivações que se tornam visíveis ao longo da narrativa produz o reconhecimento descrito por Oatley: a ação permanece a mesma, mas sua substância adquire novos sentidos.

A doença, nesse percurso, exerce uma função ambivalente. Por um lado, afasta Hans da vida ativa, submete-o à repetição e o aproxima da passividade; por outro, interrompe a continuidade ordinária de sua existência e cria condições para experiências que dificilmente ocorreriam na planície. A subida à montanha não representa, por si mesma, uma elevação espiritual. Ao contrário, conduz o protagonista ao interior de um mundo marcado pela enfermidade, pela decadência e pela proximidade constante da morte. Sua formação não se realiza fora dessas contradições, mas por meio delas.

A morte ocupa posição decisiva nesse processo. Inicialmente, o sanatório procura ocultá-la por meio de eufemismos e procedimentos institucionais destinados a preservar a aparência de normalidade. Hans, entretanto, abandona gradualmente a curiosidade distante e passa a visitar os enfermos, oferecendo-lhes atenção e acompanhando seu sofrimento. A morte deixa de ser apenas objeto de fascinação e passa a convocar responsabilidade, presença e compaixão. Settembrini procura impedir que ela seja isolada da vida e transformada em princípio absoluto:

A única maneira religiosa de encarar a morte é compreendê-la e senti-la como uma parte, como um complemento, como uma condição in-

violável da vida, e não separá-la justamente da vida [...]. A morte é venerável como berço da vida, como regaço da renovação. Mas, separada da vida, torna-se um fantasma, um bicho-papão, e coisa pior ainda. (Mann, 2016, p. 232).

A passagem oferece uma chave para compreender a transcendência no romance. Não se trata de negar a morte nem de utilizá-la para desprezar a existência, mas de integrá-la à compreensão da vida. Quando separada e absolutizada, ela se converte em fascinação mórbida; quando reconhecida como limite, pode intensificar a responsabilidade pelo viver. Eubanks (2017) demonstra que a articulação entre morte, formação e tempo constitui um dos núcleos de *A montanha mágica*: Hans somente pode ser educado para a vida porque é submetido à experiência da finitude.

A experiência da neve representa um momento privilegiado dessa aprendizagem. Isolado na paisagem e ameaçado de morrer, Hans atravessa imagens de beleza, comunhão e violência e alcança uma compreensão ética que procura afirmar a vida sem ignorar a morte. Como observam Kavaloski (2014) e Eubanks (2017), esse reconhecimento não encerra de forma estável seu processo formativo. Hans retorna ao Berghof e não conserva integralmente aquilo que compreendeu. Ainda assim, a experiência permanece como possibilidade de *intentio*: um movimento de orientação que não elimina a dispersão, mas procura resistir a ela.

A música participa dessa mesma busca ao reunir memória, emoção e expectativa em uma duração organizada. Ela oferece a Hans uma experiência provisória de concentração, embora também permaneça ambivalente, pois pode tanto elevar a consciência quanto embelezar o sofrimento e aprofundar a fascinação pela morte. A transcendência, portanto, não aparece como conquista definitiva, mas como tensão entre a dispersão temporal e a procura de uma unidade capaz de orientar a existência.

A ruptura final da suspensão não decorre exclusivamente de uma decisão interior. A Primeira Guerra Mundial invade o mundo aparentemente protegido do Berghof e devolve Hans à planície: “Ele encolheu as pernas contra o próprio corpo, ergueu-se, olhou em torno, viu-se desencantado, redimido, libertado, não a partir da força que era sua [...], senão expulso por potências exteriores e elementares,

para as quais a libertação dele surgia como efeito totalmente secundário.” (Mann, 2016, p. 822). Os termos “desencantado”, “redimido” e “libertado” conferem à descida uma dimensão que ultrapassa o deslocamento espacial. Hans abandona a montanha, mas sua libertação não constitui uma conquista autônoma nem uma salvação assegurada. Ele é arrancado da suspensão pela catástrofe histórica e reintegrado a uma realidade que pode conduzi-lo à morte.

Ao levantar o rosto e as mãos, percebe que o céu, embora “sombrio e sulfúrico”, já “deixava de ser o teto da gruta da montanha dos pecados” (Mann, 2016, p. 822-823). O espaço fechado abre-se novamente para a história e para uma possibilidade de transcendência que permanece inconclusa. No campo de batalha, Hans desaparece da visão do narrador: “E assim, no tumulto, na chuva, no crepúsculo, escapa de nossa visão” (Mann, 2016, p. 827). A pergunta que encerra o romance preserva a tensão entre destruição e esperança: “Será que também desta festa mundial da morte, e também da perniciosa febre que inflama o céu da noite chuvosa, ainda surgirá o amor?” (Mann, 2016, p. 827).

A trajetória de Hans não oferece, portanto, uma resposta definitiva ao problema da transcendência. Ele não vence a morte, não resolve o enigma do tempo e não supera integralmente as contradições que o formaram. Sua experiência, contudo, permite que o leitor acompanhe o movimento entre *distentio* e *intentio*: da dispersão produzida pela repetição, pelo desejo e pela doença à procura de uma orientação que integre vida e morte sem confundi-las. *A montanha mágica* funciona, assim, como laboratório de experiências sociais, temporais e existenciais, no qual a simulação proposta por Oatley alcança não apenas as interações entre os sujeitos, mas também a maneira como eles procuram conferir direção à própria existência diante da finitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *A montanha mágica* a partir da articulação entre Oatley, Agostinho e Ricoeur permite compreender que a ficção não simula apenas comportamentos ou relações interpessoais. Ao confi-

gurar a formação de Hans Castorp, o romance também torna imaginativamente acessível uma experiência de dispersão temporal, confronto com a morte e busca de orientação. A transcendência não aparece como fuga da história ou superação completa da finitude, mas como possibilidade de dirigir a existência para uma unidade que o próprio tempo não pode assegurar definitivamente.

A noção de simulação social mostra-se, nesse sentido, especialmente produtiva. O leitor acompanha intenções, conflitos, mudanças de perspectiva e consequências sem estar submetido aos efeitos materiais das ações representadas. A configuração narrativa, por sua vez, reúne acontecimentos heterogêneos e permite que a experiência de Hans seja compreendida retrospectivamente, embora não elimine suas ambiguidades. A obra oferece condições para reconhecimento e reflexão, mas não determina de forma automática aquilo que cada leitor compreenderá ou fará a partir da leitura.

Essa ressalva é necessária porque os estudos empíricos disponíveis não autorizam afirmar que a exposição à ficção produza inevitavelmente empatia, aprimoramento da cognição social ou transformação ética. A metanálise de Dodell-Feder e Tamir (2018) identificou um efeito positivo pequeno da leitura de ficção sobre a cognição social. Rezende e Shigaef (2023) encontraram resultados heterogêneos na revisão das pesquisas sobre leitura, ficção e desenvolvimento da cognição social. Wimmer *et al.* (2024) também chamam a atenção para a necessidade de distinguir correlação e causalidade, enquanto Schwerin, Lenhart e Richter (2025) indicam que literariedade, familiaridade linguística e qualidade da experiência narrativa interferem nos resultados.

Esses estudos não anulam a potência formativa da literatura, mas evidenciam a necessidade de investigá-la de maneira mais precisa. A simples exposição a um texto não equivale a uma leitura aprofundada, e leitores diferentes podem responder de maneiras distintas à mesma obra. Repertório cultural, competência interpretativa, envolvimento afetivo, abertura reflexiva e contextos de mediação participam da experiência e precisam ser considerados.

Pesquisas futuras poderão examinar mais diretamente como leitores reais experimentam obras complexas como *A montanha mágica*. Entrevistas, diários de leitura, grupos de discussão e protocolos

de pensamento em voz alta podem contribuir para identificar quais episódios provocam reconhecimento, como as interpretações se modificam durante a leitura e em que condições a simulação ficcional alcança a compreensão que o sujeito possui de si, do outro e de suas escolhas. A combinação desses procedimentos com instrumentos quantitativos poderá evitar tanto a idealização da literatura quanto sua redução a efeitos imediatos e facilmente mensuráveis.

A formulação mais rigorosa consiste, portanto, em afirmar que *A montanha mágica* oferece condições formais para uma experiência de simulação, reconhecimento e busca de sentido. A transformação do leitor permanece uma possibilidade da refiguração, e não uma consequência mecânica do contato com o texto. É justamente essa distância entre a potência configuradora da obra e sua apropriação singular que ainda precisa ser investigada.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).
- DODELL-FEDER, David; TAMIR, Diana I. Fiction reading has a small positive impact on social cognition: a meta-analysis. *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, v. 147, n. 11, p. 1713-1727, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1037/xge0000395>.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Tradução de Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- EUBANKS, Kevin P. *Heidegger reading Mann, or what time is it, Hans Castorp?: death, “Bildung,” and the possibility of time in The Magic Mountain*. *College Literature*, Baltimore, v. 44, n. 2, p. 256-287, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1353/lit.2017.0012>.
- KAVALOSKI, Joshua. The enactment of time in Thomas Mann’s *Der Zauberberg*. In: KAVALOSKI, Joshua. *High modernism: aesthetics and performativity in literature of the 1920s*. Rochester: Camden House, 2014. p. 143-166.

- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Tradução de Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- OATLEY, Keith. Fiction: simulation of social worlds. *Trends in Cognitive Sciences*, Cambridge, v. 20, n. 8, p. 618-628, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.06.002>.
- OATLEY, Keith. *Such stuff as dreams: the psychology of fiction*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.
- REZENDE, Júlia Ferreira; SHIGAEFF, Nadia. The effects of reading and watching fiction on the development of social cognition: a systematic review. *Dementia & Neuropsychologia*, São Paulo, v. 17, e20230066, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-5764-DN-2023-0066>.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.
- SCHWERIN, Julia; LENHART, Jan; RICHTER, Tobias. Short-term effects of fiction on social-cognitive skills: the roles of literariness, language familiarity, and narrative experience. *Scientific Study of Literature*, v. 14, n. 1, p. 4-22, 2025. DOI: <https://doi.org/10.61645/ssol.191>.
- WIMMER, Lena Franziska; CURRIE, Gregory; FRIEND, Stacie; WITTWER, Jörg; FERGUSON, Heather J. Cognitive effects and correlates of reading fiction: two pre-registered multi-level meta-analyses. *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, v. 153, n. 6, p. 1464-1488, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1037/xge0001583>.
- WOJCIECHOWSKA, Agata. *A literary thought experiment: physical time in Thomas Mann's The Magic Mountain*. *Teksty Drugie*, Varsóvia, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/td/17589>. Acesso em: 21 jul. 2026.